

ENTREVISTA



Rafael Arb de Castro

Começando a vida como empreendedor.

O ex-aluno Rafael Arb de Castro formou-se na Poli. Trabalhou como *trainee*, para assumir cargo gerencial numa multinacional. Mas então decidiu tornar-se empreendedor. Sua empresa oferece um aplicativo para restaurantes, que permite consultar os cardápios e preços, pedir a refeição, verificar a conta e fazer o pagamento. Aqui ele fala de sua trajetória e formação no Colégio Etapa e na Poli, e de sua empresa.

JC – O que motivou você a escolher Engenharia como carreira?

Rafael – Acho que a flexibilidade do curso é que o deixa mais atrativo. Escolhi Engenharia de Produção que tem um ar voltado para produtividade, para *business* e para administração, o que sempre me atraiu muito.

Quando você fez essa escolha?

A decisão veio no 2º ano do Ensino Médio. Antes eu tinha dúvida entre Engenharia, Publicidade e Fisioterapia. Comecei a investigar um pouco mais, conversei com alguns politécnicos e vi que Engenharia é muito mais ampla, inclusive no mercado de trabalho. A Engenharia tem aplicação em diversos segmentos. Eu mesmo, com seis anos de formado, acabei trabalhando com marketing, vendas, e hoje sou empreendedor.

Como começou sua história com o Etapa?

Eu conheci o Etapa através do meu irmão, que veio para cá dois anos antes.

Você se adaptou fácil aqui?

Os primeiros dois meses foram de adaptação. Vi que a minha preparação anterior era inferior à dos demais alunos. Química eu não sabia, nunca tinha tido no outro colégio. Mas, depois, entrando no ritmo de trabalho, de estudo, a adaptação foi tranquila.

Como foi seu início na Poli?

Foi muito interessante. É uma fase nova em sua vida, são outras rotinas, outras atividades, maior independência. Você começa deslumbrado. E nas aulas você fica muito por conta própria, os professores dão uma diretriz e você tem de ir atrás. Mas é um clima muito gostoso e você acaba se adaptando.

Qual a importância dos anos iniciais na Poli?

Os anos iniciais são importantíssimos, fundamentais para a base do engenheiro. Dão noção de todas as áreas da Engenharia. A construção do raciocínio lógico do engenheiro é feita nesses dois primeiros anos. Tem Cálculo e Álgebra Linear, que são matérias que estimulam seu raciocínio, você começa a criar naturalmente capacidade analítica.

O que você estudou nos últimos anos?

Engenharia de Produção tem muitos projetos a serem feitos em empresas reais. Você tem de buscar uma empresa no mercado e fazer um projeto nela. Tem de ir atrás, fazer visitas, no começo em pequenas empresas, depois nas grandes. Tem uma conexão de teoria e prática. Nisso, você começa a ver do que gosta mais, porque, mesmo dentro da Produção, há uma série de possibilidades para seguir depois. Tem parte de estatística, tem parte de logística muito forte, parte industrial.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia de Produção

1

CONTO

Conto de escola – Machado de Assis

4

ESPECIAL

Torneio de Robótica

8

ENTRE PARÊNTESES

N dias

3

ARTIGO

Alimentação saudável na adolescência

6

Você fez estágio a partir de que ano?

Fiz no 5º ano só. Abri mão de fazer no 4º porque fui eleito presidente do Centro Acadêmico da Engenharia de Produção.

Durante o curso, de quais atividades extracurriculares você participou?

Eu comecei com esporte, desde o 1º ano. Tem o Bichusp, participei no futsal. Depois fui do time de futsal por dois anos. No 3º ano comecei a me envolver com o Centro Acadêmico e em novembro, na eleição oficial, virei presidente. No 4º ano fui presidente do Centro Acadêmico e no 5º ano fiquei como colaborador.

Como presidente, o que você fez no Centro Acadêmico?

O Centro Acadêmico da Engenharia de Produção até então era muito fechado e fazia as coisas para grupos pequenos. Eu queria ampliar isso. Tínhamos um espaço reduzido, consegui com a Prefeitura da USP que o espaço fosse aumentado. E criamos uma série de atividades abertas a todo mundo. Envolvemos mais alunos.

Como foi esse envolvimento?

Criamos um calendário intenso de atividades. Organizamos uma forma para possibilitar que o maior número de alunos participassem do Enegep, o Encontro Nacional de Engenharia de Produção, que é realizado anualmente em algum lugar do Brasil. Na maioria das vezes essa participação é mais fácil para os alunos do 3º ano, pois eles ficam isentos de aulas durante a semana. Também criamos eventos esportivos e incentivamos a parte social para integrar mais com os veteranos, com os bichos, uma série de coisas.

Onde você estagiou?

Estagiei na Unilever, na área de vendas. Não tinha a ver com Engenharia. O padrão do engenheiro de produção é ir para logística numa multinacional, eu quis ser diferente e fui estagiar na parte de vendas. Foi bom conhecer outros modelos de trabalho. Conhecer pequenas, médias e grandes empresas. Foi através disso que eu me encantei pelo mundo de bens de consumo.

O que você fazia em vendas?

Eu estruturava tudo para a equipe de vendas. Eu não ia a campo, fazia a parte analítica interna. Fazia toda a avaliação de vendas, de análise de oportunidades. Foi bem focado nisso e na parte de suporte de apresentações de projetos.

Depois desse estágio, o que você fez?

Continuei na Unilever. Eu me candidatei como *trainee* de vendas e fui aprovado.

Como é o trabalho no sistema de *trainee*?

O projeto de *trainee* nas empresas sempre visa o crescimento acelerado do profissional. Passei por vendas – todo mundo tem que passar por vendas, mesmo sendo candidato a outra área. Depois fui para o marketing. Aprendi

muito, me encantei com marketing. Depois voltei para vendas, trabalhei três meses em vendas, depois oito meses em marketing, depois um ano em vendas. Aí, internamente, redirecionei minha carreira para marketing. Consegui voltar para o marketing e assumi a segunda maior marca da Unilever, que era a Seda.

O que você fazia nesse trabalho?

Dentro do marketing eu cuidava de como se ia investir em comunicação. A gente não criava a comunicação; a gente executava a comunicação. Em execução o engenheiro cabe muito bem.

Você ficou quanto tempo na Unilever?

Considerando o estágio, fiquei quase quatro anos. Dentro do meu período de *trainee*, fiquei metade em vendas, metade em marketing.

Por que saiu da empresa?

Lá, ao término do *trainee*, você assume um cargo de gerência. Estava na reta final do meu *trainee* quando, em junho de 2012, decidi empreender, queria abrir minha própria empresa. Só que eu precisava ficar até setembro na empresa. Em julho eu fui promovido, mas recusei e comuniquei que já tinha decidido sair em setembro.

Não deve ter sido uma decisão fácil recusar a promoção.

Não foi fácil. Mas eu tinha muita vontade. Tomei a decisão e não voltei atrás. Tirei um mês de férias para descansar e aí comecei a analisar. Em três meses montei cinco planos de negócios. Obviamente, não 100% estruturados, mas achei cinco oportunidades que fui avaliando, sempre consultando pessoas amigas, família. Eu tinha as ideias, depois avaliava o mercado, fazia projeções, via as oportunidades de negócio. Uma delas foi a oportunidade em que até hoje eu trabalho – na verdade, foi o meu sócio que apresentou a ideia.

Como chegou essa ideia até você?

Meu sócio veio com a ideia do VocêQpad e o protótipo, que não tinha estruturado. Eu me interessei pela ideia, pelo mercado. Acabou sendo rápido o processo. Só que começou com um projeto diferente: a gente sentava com tablet em mesas de restaurantes para fazer o pedido. O custo dos tablets ia ser muito alto.

Aí decidiram trocar o tablet pelo smartphone?

Sim. Ao longo de 2014 desenvolvemos o produto e em 2015 fizemos o lançamento oficial. Temos trabalhado e temos crescido. Em 2014, éramos eu e meu sócio na empresa, com um ou dois desenvolvedores trabalhando conosco. Hoje é uma equipe de 10 pessoas. A empresa ainda é enxuta, mas tem responsáveis pelo comercial, pelo marketing, por TI e também tem uma parte de implantação que é diferente do comercial.

Qual é a proposta do VocêQpad? É chegar ao restaurante e fazer o pedido independente de garçom?

Exato. Na mesa do restaurante, você vê o cardápio no smartphone, com fotos, e faz o pedido. Como o VocêQpad é integrado ao sistema da casa, o pedido vai direto para a cozinha. Depois você acompanha a conta em tempo real e faz o pagamento com o próprio celular. O pagamento já vai direto para a caixa. O garçom não deixa de existir: ele traz o pedido para a mesa, serve, etc. Além de ser uma boa experiência para o usuário, é muito operacional para o restaurante. Numa praça de alimentação, por exemplo, você faz pedido e pagamento sem pegar fila.

Seus clientes são os restaurantes?

Nossos clientes são restaurantes e também os usuários. Só que os usuários não são pagantes. O aplicativo é gratuito. Quem oferece o serviço é o estabelecimento e ele é o cliente pagante.

Hoje, quantos restaurantes usam o sistema?

Estamos com 40 restaurantes em São Paulo, Jundiaí e Santos. Agora vamos começar a expansão. O ano de 2015 foi de aprendizado, estruturação de projetos e de processos, consolidação de parcerias. O de 2016 é para aumentar a base de estabelecimentos.

Qual a projeção para este ano?

Este ano o objetivo é sair de 40 para 400 estabelecimentos, pelo menos. Esse é ainda um objetivo conservador nosso. E estamos pensando em internacionalização em 2017. Já estamos conversando com alguns outros países. Queremos ser um case de experiência tecnológica no Brasil que deu certo e vai espalhar isso para outros lugares.

Hoje você trabalha quantas horas por dia?

Umás 12, 14 horas, pelo menos. Tenho paixão pelo que faço.

Pretende continuar assim mais adiante?

Sim, eu me vejo ainda empreendedor. Minha intenção é ter o negócio estruturado e passar a ser o estimulador de novos empreendedores no Brasil.

Como a Poli e a Produção foram importantes nessa sua trajetória?

A base que a Engenharia me deu e a abrangência da Engenharia de Produção propiciaram que eu chegasse onde estou hoje. A Poli dá abertura para você ter contato com uma série de interfaces e, mais do que isso, aprender a se virar, a conhecer coisas novas. Isso me deu muita confiança para tomar a decisão de largar tudo e montar uma empresa. A parte financeira e a parte de administração da Engenharia de Produção são muito fortes. Na Engenharia de Produção tem até curso jurídico, que não dá uma base tão forte, mas hoje eu conheço uma série de coisas jurídicas que eu não sabia antes. E a parte fiscal também.

Da sua época para cá, qual a principal mudança na grade curricular da Poli?

Uma mudança é que hoje a entrada é direta na ênfase. Com relação ao currículo, incrementaram alguma coisa na Produção. Hoje tem noções de marketing, na minha época não tinha. Foi colocada muita coisa de empreendedorismo na grade curricular.

O que você aprendeu no Etapa que mais o ajudou na Poli e na atividade profissional, e continua ajudando?

Você não pode menosprezar nenhuma matéria. A abrangência de conhecimento abre portas. É importante você ter conhecimento, estimular sua capacidade de estudo, entender outros assuntos. E ter conhecimento gera mais conhecimento.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Na verdade, as amigadas que tenho hoje, que se mantiveram, são do Etapa e da Poli.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Corra atrás do que você quer, independente do que é. Corra atrás do seu sonho, isso é o mais importante. Siga seu coração e acredite nos próximos passos. A vida só vai ser muito bem vivida se você estiver feliz. A gente tem que fazer a própria felicidade.

(ENTRE PARÊNTESES)

N dias



Depois de N dias um estudante observa que:

- 1) choveu 7 vezes de manhã ou à tarde;
- 2) quando chove de manhã, não chove à tarde;
- 3) houve 5 tardes sem chuva;
- 4) houve 6 manhãs sem chuva.

N é igual a quanto?

RESPOSTA

Somando os períodos sem chuva com os períodos com chuva, teremos a soma total dos períodos (manhãs + tardes) observados: logo, teremos $2N$. Assim, $2N = 7 + 5 + 6$, isto é, $N = 9$ dias.